



22112361



PORTUGUESE B – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 13 May 2011 (afternoon)
Vendredi 13 mai 2011 (après-midi)
Viernes 13 de mayo de 2011 (tarde)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'Épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

METRO DE LISBOA FAZ 50 ANOS

❶ Foi no dia 29 de dezembro de 1959 — há 50 anos — que o metro de Lisboa começou a circular. A ideia da construção de uma rede subterrânea de comboio urbano na capital portuguesa datava já de 1888. Porém, só depois da II Guerra Mundial a obra iria para a frente, aproveitando-se a ajuda financeira do Plano Marshall, um auxílio dos EUA a diversos países após o conflito. A empresa Metropolitano de Lisboa foi fundada em 1948 e os trabalhos principiaram em 1955. Quando o novo transporte começou a funcionar, a "rede" limitava-se a um Y ligando os Restauradores ao Marquês de Pombal e dali partindo linhas para Entrecampos e Sete Rios.

❷ Atualmente a rede tem 40 km de extensão. Nos primeiros tempos, os lisboetas deslumbraram-se com o comboio que andava debaixo do chão, quando ainda não havia por esse mundo fora tantos metros como hoje. O Metropolitano de Lisboa ao longo destes 50 anos conseguiu aumentar 12 vezes o número de passageiros, passando de 15,3 milhões de passageiros em 1960 para 180 milhões este ano.

❸ Para assinalar os 50 anos, o Metro distribuiu lembranças aos passageiros e música para animar. No próximo ano dar-se-á continuidade a estas celebrações com diversas atividades, entre as quais uma exposição de fotografias, uma maratona fotográfica para jovens, um concurso de bandas musicais nas estações e a campanha "Queres andar um ano de metro sem pagar?"

Revista Visão, Lisboa (dezembro de 2009)



TEXTO B

O COMETA VASSOURINHA

— O que foi isso? — perguntou o Criador.

— Realmente não sei — disse a estrelinha. Acho que o meu gancho não estava muito firme. Eu estava me balançando e me soltei no espaço. Que susto! Pensei que fosse me esborrachar!

5 — Calma. Vou pendurar você de novo.

— Eu agradeço, meu bom Deus. Mas posso lhe fazer um pedido?

— Pode.

— Será que o Senhor poderia me pendurar noutra lugar?

— Poder, posso, mas gostaria de saber por quê.

10 — Bem, porque tem uma estrela ao meu lado que é muito antipática.

— Antipática?

— É. Ela tem a mania de fazer mexerico e de ficar falando mal de mim com as outras.

— Entendi. Pois bem. Vou botá-la para o sul. Assim vocês não brigam mais.

E, com paciência, o bom Deus foi seguindo para colocar a estrelinha no lado sul quando

15 notou nela uma manchinha.

— Que é isso? Que mancha é essa?

— Não sei, meu Deus. Esta manchinha me apareceu pequenina e está crescendo. Não sei por quê.

Depois [– X –] Deus colocou a estrela na parte sul do espaço voltou intrigado [– 16 –]

20 foi verificar as outras estrelas. Descobriu [– 17 –] que todas elas estavam também começando a ficar manchadas.

Durante toda a noite ficou pensando em como iria resolver o problema das estrelinhas. De repente, bateu com a mão na testa: descobriu!

25 Começou a fabricar uma imensa vassoura de prata e soltou-a no espaço. Solta e brilhante, a vassourinha, durante a noite e mesmo durante o dia, ia dando brilho em cada estrela. E assim continua até hoje. Como não fica presa, a vassourinha gira no céu, fazendo seu trabalho de limpeza. A vassourinha chama-se cometa.

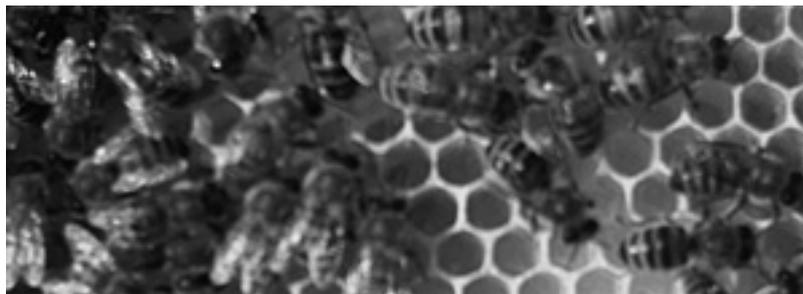
Fernando Lobo, O Cometa Vassourinha, J.O. Editora, Rio de Janeiro (setembro de 1987)



TEXTO C

FAVOS DE FEL¹

- 5 ❶ O alerta partiu dos meios de comunicação social espanhóis. Há uma “desabelhização” em curso, não só no país vizinho como no nosso território nacional. Em Espanha as estimativas apontam para o desaparecimento de 290 mil milhões de abelhas, ou seja, 40% da população. Por cá, apesar de não haver uma contabilidade precisa, as contas fazem-se quanto aos números da produção e diluem-se em outros problemas criados pela seca prolongada.
- 10 ❷ E parece que nem os tímidos dias de chuva de há poucas semanas aumentam o otimismo. A produção, especialmente em algumas zonas a sul do Tejo, pode chegar perto de zero, se a primavera não for mais húmida. Para os apicultores² portugueses, as próximas três ou quatro semanas são cruciais: “se não chover, podemos estar perante o pior ano de que há registo na nossa associação” diz Fernando Oliveira Duarte, da Associação Apícola do Barlavento do Algarve.
- 15 ❸ Mais a norte, o produtor Fernando Ventura é testemunha da linha divisória que separa as zonas do país onde o fenómeno se verifica. Ventura tem colmeias na região da Lousã, onde notou um decréscimo relativo, e em Alpiarça (Ribatejo), onde a situação é, segundo ele, “uma verdadeira desgraça”. Naquelas paragens, as colmeias “não criaram reservas e já gastaram as do ano passado”. Em 500 colmeias, que perfazem o todo da sua produção nas duas regiões, 100 estão mortas por falta de alimento.
- 20 ❹ As produções do distrito de Portalegre e algumas situadas nas serras da Estrela e da Malcata são algumas das mais atingidas. E a situação atual vai condicionar a produção do próximo ano.
- 20 ❺ As abelhas não padecem, porém, apenas da seca. Os efeitos dos incêndios florestais de 2003 ainda se sentem hoje nas colmeias e na produção melíflua³. A falta de flores em algumas áreas onde se concentram abelhas foi adensada pela seca deste ano e localidades como Nisa (Portalegre), ou outras situadas no Algarve, foram ainda mais atingidas, pois não houve floração no ano passado.



- 25 ⑥ A utilização indevida de pesticidas em algumas culturas também pode prejudicar as abelhas. João Casaca, da FNAP, refere uma denúncia, feita numa das assembleias da Federação, de que estariam a ser usados inseticidas ilegais. José Paulo Sousa, biólogo da Universidade de Coimbra, explica que a sua utilização abusiva impede a “viabilização das colmeias, porque leva à morte das abelhas ou inibe a sua reprodução”. Uma espécie de envenenamento
- 30 que afeta também a fauna do solo com papel importante no desenvolvimento das culturas.
- ⑦ O frio e a seca continuam, de qualquer modo, a ser apontados, por académicos e produtores, como os grandes “culpados”. Em Espanha, o diário “El Mundo” até cita Einstein para dar conta da gravidade do desaparecimento das abelhas: “Ao Homem só lhe restariam quatro anos de vida; sem abelhas, não há polinização, nem erva, nem animais, nem homens”.

Ricardo Nabais, Única, Lisboa (abril 2005)

¹ Fel: amargura
² apicultores: criadores de abelhas
³ melíflua: de mel



TEXTO D

CIDADE DOS JOVENS

Quem andou na semana passada pelas margens do lago Itaipu, no Paraná, viu surgir do nada uma cidade formada por barracas de camping, com quase 20 mil habitantes, a maioria entre dez e 15 anos. Não era uma versão nova — e adolescente — do Festival de Woodstock, nem uma festa rave. Essa multidão se reuniu em torno do III Campori Sul-Americano, um encontro de jovens que acontece a cada dez anos — e que se estende até domingo. Na cidade montada pela organização, a língua oficial é o português, mas fala-se também o espanhol. Todos os acampados são membros do Clube de Desbravadores, entidade presente em 150 países e que nasceu em 1950.

Há no mundo dois milhões de desbravadores, como esses jovens são chamados. Deles, 165 mil são latino-americanos, a maioria do Brasil. Como era de esperar, no encontro que acontece mais especificamente na cidade de Santa Helena, com oito milhões de habitantes, os brasileiros estão dominando. Junto com os representantes dos vizinhos sul-americanos e convidados da Rússia e do Japão, eles se dedicam a atividades que vão dos vários cursos profissionalizantes a palestras sobre os males do tabagismo e do álcool. Também se debate ecologia e cidadania. “A programação está baseada em três pilares: crescimento físico, mental e espiritual. Quem está em fase de crescimento precisa de apoio firme nesses três eixos”, explica Erton Köhler, coordenador-geral do III Campori.

Para cuidar da moçada foram convocados 800 voluntários, quase todos ex-desbravadores. Ou melhor, pessoas que passaram dos 15 anos, idade máxima da turma. Diariamente, os jovens acordam às 6h30, tomam café e fazem uma “reflexão espiritual” coletiva. Depois começa a programação, com 270 opções de atividades, nas quais a galera* se reveza. Entre as alternativas, além de esportes como futebol, tênis, volei, natação, ciclismo, marcha, corrida, há, inclusive, a exploração de uma caverna artificial onde se pode estudar formações rochosas. O que não falta é criatividade. Até mesmo para montar o acampamento. Algumas barracas foram erguidas em estruturas elevadas, outras à beira de um rio. Outra característica curiosa do Campori é a mistura de jovens de diferentes classes sociais. “Aqui todo mundo é igual. Dorme em barraca, senta na grama e usa os mesmos banheiros”, conta Köhler. Esse convívio tem sido o destaque do evento, na opinião do estudante Jó de Oliveira, 12 anos. O garoto mora na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, e foi até Santa Helena num ônibus alugado pelo clube Céu e Mar, ao qual pertence. “Fiquei amigo de um monte de argentinos. Não sei espanhol, mas falo devagar e eles me entendem. E vice-versa”, arremata.

Juliana Vilas, Isto É, Rio de Janeiro (janeiro de 2005)

* galera: grupo

